

Mulheres Negras Periféricas – Resistência e Resgate do povo negro através da estética e formação política na Chapada Diamantina-BA

Maria Júlia Vieira Santos^{1,4*}, Ana Júlia S. Vieira^{2,4}, Yasmin S. Carvalho^{2,4}, Marina Ester B. Lima^{2,4}, Joyce S. Silva^{2,4}, Caroline R. da S. Vieira⁴, Ana Paula S. Maria^{2,4}, Silvia Helena C. Gomes^{2,4}, Maria Clara B. Santos⁴, Maiana V. Santos⁴, Esther M. J. Oliveira^{2,4}, Ana Catarina N. Sena^{2,4}, Ana Amélia A. Santos^{2,4}, Marla Luísa B. Silva^{2,4}, Ana Beatriz M. Vieira⁴, Beatriz de F. Alves^{2,4}, Joice C. de Souza^{3,4}, Lila Deva S. Silva⁴, Therezinha G. Leitão⁵.

1. Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Bahia - IFBA, Seabra/BA; *vieira.julia.maria@gmail.com

2. Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Bahia - IFBA, Seabra/BA;

3. Discente do Centro Educacional de Seabra - CES, Seabra/BA;

4. Participantes do Coletivo Esmeralda do Carmo

5. Pesquisadora e Docente do Instituto Federal da Bahia - IFBA, Seabra/BA.

Palavras Chave: *mulheres negras, empoderamento, resistência.*

Introdução

O presente trabalho surgiu à partir do núcleo Esmeralda do Carmo, um coletivo de meninas negras que, no processo de empoderamento, perceberam a pouca representatividade da mulher negra em espaços institucionais, espaços esses que não costumam fazer o recorte racial/social, levando a um processo de silenciamento das especificidades das mesmas. Esmeralda do Carmo representa todas as mulheres que sublimam os determinantes histórico-sociais impostos, sobrevivendo como mulher, negra e pobre.

O objetivo do presente trabalho foi, através de oficinas organizadas pelo Núcleo Esmeralda do Carmo, visibilizar mulheres que tem pouco reconhecimento sociopolítico e econômico e que representam resistência para a comunidade negra, empoderando essas mulheres por meio da estética e da desconstrução de padrões de beleza.

Resultados e Discussão

Foram realizadas oficinas sobre estética negra com enfoque em maquiagem afro e amarrações de turbantes, buscando-se a afirmação da naturalização do cabelo como forma de empoderamento e a desconstrução de padrões de beleza europeus impostos na sociedade, tendo como público alvo, crianças e adolescentes negras de dois municípios da Chapada Diamantina (BA): Seabra, no Instituto Federal da Bahia (IFBA) e na Escola Estadual Filinto Justiniano Bastos e Iraquara, na comunidade quilombola dos Morenos.

As oficinas que ocorreram no Campus Seabra e na escola Estadual, com meninas adolescentes, trouxe, juntamente com a proposta da estética negra como forma de empoderamento, a discussão da solidão e marginalização da mulher negra à partir da história de Esmeralda do Carmo, oriunda da periferia e que, aos cinco anos de idade, sofreu violências doméstica e sexual, tendo que lidar não só com a marginalização nas ruas mas também com a dependência química, superando essas condições através do seu empoderamento.

Os impactos trazidos por esta oficina foram visíveis desde o momento de sua aplicação, sobretudo para as alunas do Campus, com a auto afirmação das mesmas enquanto negras, através de seus cabelos, desconstruindo o padrão de beleza socialmente imposto.

A oficina realizada na comunidade quilombola foi direcionada ao público infantil, com a confecção de

bonecas negras como forma de afirmação de suas identidades negras, sendo perceptível durante a atividade, várias meninas soltando seus cabelos, como forma de identificação com as bonecas.

Conclusões

Os movimentos de empoderamento das mulheres negras através das oficinas realizadas constituíram-se em atividades pioneiras e ímpares na região da Chapada Diamantina, mostrando que, se por um lado, as mulheres negras tem sido historicamente silenciadas e apagadas, por outro, mobilizações regionais, como o Núcleo Esmeralda do Carmo, reforçam a importância de atividades intra e extra acadêmicas que visibilizem a efetivação da Lei 10.639, buscando a promoção da conscientização da história do povo negro e das condições históricas de opressões e invisibilidade a que são submetidas as mulheres negras.

O reconhecimento e a valorização da estética negra para essas mulheres, durante e após as oficinas, buscou resgatar toda a bagagem cultural trazida por essas pessoas, representando uma ação política de afirmação de seus espaços numa sociedade ainda pautada pelo racismo e pela exclusão.

Agradecimentos

Agradecemos ao IFBA Campus Seabra, e à Assistência Estudantil do Campus, à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPGI) do IFBA, ao Colégio Estadual de Seabra, à nossa orientadora Therezinha Gauri Leitão e, principalmente, à todas as mulheres negras que nos inspiraram e às que não puderam sobreviver para nos inspirar.

BRASIL. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

LIMA, Adriana Silva Guedes. **Saúde da Mulher Negra e os determinantes: Racismo, Questão de Gênero e Classe Econômica**, 2014.

GELEDÉS, **Instituto da Mulher Negra**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br> Acesso em 16.03.2016.

ORTIZ, Esmeralda do Carmo. **Porque não dancei**. Senac/Atica, 2010.